



# As joias que a mídia deixa escapar

**O** Brasil tem uma tendência curiosa. É o país onde uma cadeirada num debate político domina todos os veículos de mídia, enquanto a façanha de um jovem gênio do Piauí mal arranha a superfície. Manoel José Nunes Neto, com apenas 17 anos, conquistou um dos maiores prêmios internacionais da ciência jovem ao criar um “rover” aquático para monitorar a qualidade da água, usando materiais reciclados e energia solar. A invenção surgiu da sua preocupação com a contaminação de mercúrio nas águas que afetam comunidades indígenas, como a Yanomami.

Manoel dedicou seu tempo, sua inteligência e seu esforço para enfrentar um problema ambiental grave, mas enquanto ele era premiado com o Stockholm Junior Water Prize 2024, aqui no Brasil, os holofotes estavam em outro canto. A discussão que dominava os noticiários era a briga entre o apresentador José Luiz Datena e o ex-coach Pablo Marçal durante um debate eleitoral para a Prefeitura de São Paulo. A baixaria entre os dois candidatos, derivada de um momento de fúria, foi exibida e reexibida em loop na televisão, nas redes sociais, no rádio, nos memes, e dominou as pautas de conversas por todo o país. Enquanto isso, o “rover” de Manoel navega na invisibilidade, assim como a contaminação dos rios que ele tenta salvar.

Fica aqui a questão: o que poderia acontecer com o ânimo coletivo do brasileiro se boas notícias como a de Manoel fossem



amplamente divulgadas? Imagine abrir o jornal ou ligar a TV e ver, com frequência, exemplos de jovens inovadores, cientistas, professores e ativistas. Ver o esforço recompensado, a criatividade reverenciada, a esperança sendo um tema tão discutido quanto as baixarias da política. Isso não teria o poder de inspirar? De motivar outros jovens a acreditar que podem fazer a diferença, de lembrar a sociedade de que a inteligência e o trabalho duro ainda são caminhos valiosos?

Boas notícias não vendem tanto, dizem por aí. Mas será que não vendem ou nunca tentamos de verdade? Notícias como a de Manoel poderiam nos lembrar que, em meio ao caos, há também solução, inventividade e progresso. Poderiam nos inspirar a acreditar no poder das ideias e na juventude como motores de um futuro melhor. Mais do que isso, nos trariam uma pausa necessária do ciclo exaustivo de violência e escândalos, e nos colocariam diante de um espelho no qual o Brasil se veria não só como um país de conflitos, mas também como uma nação de possibilidades.

Semana que vem a cadeirada entre Datena e Marçal já terá sido soterrada por outra bobagem qualquer e lembrada como mais um momento trivial da política do entretenimento.

Já o trabalho de Manoel tem potencial para transformar vidas e salvar rios.

Quem sabe quando o Brasil, assim como eu nesta crônica de domingo, puder se concentrar em nossos heróis, consiga também encontrar um novo rumo?